

Choque de realidade

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O candidato Lula vai insistir até o final com o discurso de que o Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas do país, crescerá 4% neste ano. Mas o presidente Lula já foi avisado pela equipe econômica de que não há a menor possibilidade de esse número ser atingido. No Banco Central, as novas projeções apontam para uma expansão entre 3,4% e 3,7%. No Ministério da Fazenda, a estimativa é de aumento próximo de 3,5%. No Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), órgão vinculado ao Ministério do Planejamento, a estimativa caiu de 3,8 para um índice entre 3,4% e 3,5% — o novo número será divulgado ainda nesta semana. "Infelizmente, a realidade está falando mais alto", disse um técnico da Fazenda.

O ritmo mais fraco do PIB neste ano causou alvoroço no Palácio do Planalto, pois permitirá ao candidato do PSDB à Presidência da República, Geraldo Alckmin, insistir na campanha de que o presidente Lula mentiu ao país ao pregar "o forte crescimento econômico". O que mais causa arrepios nos assessores de Lula é que, à medida em que as novas projeções do órgão do governo forem sendo divulgadas, os marqueteiros de Alckmin poderão reforçar a propaganda.

Coincidemente, as novas estimativas do Banco Central, que, desde dezembro de 2005, vinha apostando em um incremento de 4% do PIB neste ano, serão divulgadas às vésperas do primeiro turno das eleições, provavelmente no dia 29 de setembro. Um prato cheio para a oposição, que já está explorando o píffio crescimento de 0,5% do PIB no segundo trimestre.

Cartilha do Planalto

Ainda que timidamente, o primeiro integrante da equipe econômica a assumir publicamente que o governo já trabalha com um aumento menor do PIB neste ano, foi o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Bernard Appy. Ao participar ontem da comemoração dos 30 anos da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), ele admitiu que a revisão para baixo do PIB será importante para a reavaliação das despesas e receitas do governo que serão encaminhadas ao Congresso.

Appy, no entanto, seguiu a cartilha do Palácio do Planalto, ao minimizar o resultado do PIB. O mais importante, segundo ele, não é o número, mas a tendência de crescimento sustentado que a economia vem demonstrando. Ele justificou ainda o fato de o Brasil estar crescendo menos do que o mundo. "O processo de estabilização do Brasil é diferente do de outros países em desenvolvimento, com menos crise", disse. E enfatizou: "O crescimento de 4% do PIB neste ano ainda é possível".

O último fio de esperança do governo para que a frustração não seja geral está no resultado da produção industrial de julho que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgará hoje. Trata-se do primeiro número importante da economia referente ao segundo semestre. Mas são poucas as chances

de se ter um resultado extraordinário, que garanta uma retomada forte da indústria. Mesmo nas projeções mais otimistas do mercado, as dos bancos Itaú e Santander Banespa, que apostam em alta da produção de 1,5% e de 1,6%, respectivamente, o resultado não será suficiente para zerar a queda de 1,7% de junho. "O quadro se torna mais problemático, porque os números preliminares de agosto também não indicam uma retomada forte", destacou Caroline Silveira, economista do Santander.

Juros de 13,5%

Na avaliação de Carlos Thadeu Filho, economista do Grupo de Conjuntura Econômica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mesmo que o crescimento industrial de julho seja superior a 1%, quando comparado a junho, será preciso analisar com muito cuidado a composição do resultado. "Se, por exemplo, a produção de matérias-primas e de insumos usados para a fabricação de outras mercadorias mostrar queda, como ocorreu nos dois últimos levantamentos do IBGE, todas as chances de o PIB crescer acima de 3,5% serão enterradas", afirmou. "É que a menor produção dos chamados bens intermediários indicará que o país está preferindo importar insumos do que produzi-los aqui. E importações jogam o PIB para baixo", acrescentou.

Pelas contas de Luís Otávio de Souza Leal, economista-chefe do Banco ABC Brasil, a produção da indústria em julho aumentou apenas 0,8% frente ao mês anterior. Por isso, ele derrubou de 3,8% para 3,3% a previsão de crescimento para o PIB neste ano. "Para o Brasil crescer os 4% prometidos pelo governo, o PIB do terceiro e do quarto trimestres teriam que se expandir, em média, 2,2%. O que é quase impossível. A última vez que houve crescimento nessa proporção em dois trimestres consecutivos foi em 1993. Mas o país estava saíndo de uma pesada recessão", ressaltou.

A única boa notícia que poderá sair do frágil desempenho da economia, destacou Leal, será a possibilidade de o Comitê de Política Monetária (Copom) do BC cortar a Selic em mais 0,5 ponto percentual na reunião de outubro e outro 0,25 ponto em novembro, com os juros fechando o ano em 13,50%. Ontem, na pesquisa semanal Focus, realizada pelo BC junto a cem especialistas do mercado, a projeção de crescimento para o PIB deste ano baixou de 3,50% para 3,20%. O Banco Itaú foi ainda mais radical. Em vez de 3,50%, agora trabalha com aumento de apenas 3% para o PIB.

